

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

“A gente pode até ir pro fundo, mas sair daqui eu não saio”: Vivências e trajetórias de vida de moradores/trabalhadores de áreas inundáveis em Parintins/AM¹

Bruno Augusto Rodrigues Belchior²
Mônica Xavier de Medeiros³

RESUMO:

A pesquisa “Vivências e trajetórias de vida de moradores em áreas inundáveis em Parintins/AM” analisou o viver urbano a partir das experiências de exclusão de políticas habitacionais e saneamento básico vivenciadas pelos moradores das áreas inundáveis da cidade, que construíram suas moradias em áreas do entorno de lagos que inundam periodicamente. A metodologia em História Oral contribuiu para o levantamento das fontes orais através das entrevistas, análise e interpretação dos relatos dos sujeitos sociais desta pesquisa. Tal metodologia tende a robustecer a História Social de homens e mulheres comuns inserindo-os na História da cidade através de suas oralidades e memórias. Foi observado que esses sujeitos históricos lutam pela cidade e que essas ocupações são estratégias de resistência em relação à exclusão social, pois os moradores dessas localidades convivem com a falta de políticas públicas e habitacionais que resultam na falta de direitos básicos, saneamento e moradia. Nesse sentido, este trabalho pretende visibilizar as vozes dessas pessoas que lutam por um espaço na cidade enfrentando as desigualdades sociais.

PALAVRAS-CHAVES: Moradia; História oral; Cidade

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado como pré-requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

² Graduando do 8º período do curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas/UEA.

³ Orientadora. Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: mxdmedeiros@uea.edu.br.

Esta pesquisa analisou o viver urbano em Parintins a partir da perspectiva das vivências e trajetórias de vida de moradores/trabalhadores, que construíram suas moradias em áreas do entorno de lagos, que inundam periodicamente. Esses espaços são tratados como “áreas de risco” pelos órgãos municipais, mas são espaços disputados pela população de baixa renda como estratégia de pertencimento à cidade.

Minha relação com o tema começou no Programa de Apoio à Iniciação Científica PAIC) da Universidade do Estado do Amazonas, quando a minha orientadora que pesquisa histórias de urbanização em Parintins me convidou para trabalhar sobre o assunto. A pesquisa desenvolveu-se nos anos de 2019-2020.

Na Amazônia, na segunda metade do século XX o aumento acelerado das cidades deveu-se ao fluxo migratório que historicamente a região sofreu, devido ao contexto econômico em qual a região se configurava e também pela implantação do Polo Industrial na cidade de Manaus capital do Estado do Amazonas⁴. As cidades médias, como é o caso de Parintins⁵, são polos de atração em relação às populações da zona rural ou oriundas de municípios menores adjacentes devido a existência de uma certa estrutura de equipamentos urbanos como universidades, escolas e hospitais. Como afirma Souza (2013, p.01) “é importante considerar que no conjunto das cidades brasileiras, as cidades médias, como Parintins, se apresentam como foco de atração tanto populacional quanto de atividades econômicas”.

Para realização dessa pesquisa, foi feito um levantamento de referências bibliográficas que ressaltam a transformação do espaço urbano da cidade de Parintins e autores que abordam a luta por moradia e pelo direito à cidade. Para compreender a história do processo de urbanização de Parintins e assim mostrar a diversidade de sujeitos históricos que construíram a cidade, esta pesquisa dialogou com autores que analisam esse processo. A tese da Professora Nilciana Dinely de Souza “**O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação**”, contribuiu nesse sentido, pois ela aborda o crescimento e as transformações da cidade de Parintins e o quanto isso gerou de impactos na economia, no social e no meio ambiente. Pessoas foram atraídas para a área urbana do município, que teve um crescimento desordenado e o espaço produzido foi marcado por diferenças socioambientais.

⁴ O Polo Industrial de Manaus (PIM) ou Zona Franca de Manaus foi regulamentada em 28 de fevereiro de 1967 pelo decreto de lei nº 288.

⁵ Parintins está localizada na margem direita do Rio Amazonas e distante 368,80 km, em linha reta, e 420 km por via fluvial, da capital do Estado – Manaus.

Segundo Souza (2013) “Parintins apresenta pontos de atração na qual compreende o aumento populacional resultando na expansão do seu território tornando assim, uma desordem habitacional, distribuição inadequada e não planejada”. O trabalho de Rodrigo dos Anjos Carvalho e Estevan Bartoli “**A Expansão urbana de Parintins:** produção do espaço, agentes e processos socioespaciais”, contribui para compreensão dos agentes que ocuparam e transformaram o espaço urbano da cidade de Parintins.

Nota-se na constituição da cidade, espaços de exclusão social, geralmente em áreas alagadiças onde a população de baixa renda constrói sua moradia. Esses espaços são carentes de políticas públicas e não legalizados, porém são locais onde seus moradores criam modos de viver e lutam pelo direito à cidade. Os protagonistas dessa pesquisa estão localizados em áreas inundáveis, em bairros de diferentes zonas da cidade de Parintins.

O objetivo desta pesquisa consistiu em entender as trajetórias de vida dos moradores/trabalhadores através de suas narrativas orais e perceber os problemas enfrentados por esses sujeitos históricos de acordo com suas próprias interpretações. Assim, procurando inserir esses homens e mulheres comuns na História. Evidenciando os problemas vivenciados por esses moradores por mediação de suas narrativas e torná-las parte de debate público, no qual as experiências dos moradores dessas áreas possam ser levadas em conta. Delimitamos como campo de estudo as áreas de beiras de rios e lagos sujeitas a inundações.

Foram realizadas entrevista com moradores dessas áreas inundáveis, utilizando um gravador e um questionário, registrando as informações dos entrevistados em um celular no qual, também, fazíamos o registro fotográfico do local. Segundo Alberti (2011, p.178) a entrevista em História oral é, antes mais nada, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e muitas vezes de gerações diferentes.

As inquietações que motivaram essa pesquisa voltavam-se em saber quais eram as motivações que levaram esses moradores a ocupar essas áreas inundáveis? E quais eram os recorrentes impactos que eles sofriam com as inundações periodicamente com a cheia dos rios e lagos?

1. A CIDADE COMO ESPAÇO DE DISPUTA

A cidade como espaço de produção e também de reprodução causada pelo homem muitas vezes é desigual. A cidade não é para todos. O espaço que se tem na cidade não é distribuído igualmente, isso reflete no ambiente pela qual o indivíduo se insere segundo Souza (2013). Numa sociedade desigual a produção do urbano enquanto modo de vida será também desigual. A autora completa dizendo que “essa desigualdade se explica, por exemplo, no modo como cada habitante da cidade mora e a qualidade ambiental do lugar a ser habitado” (SOUZA, 2013).

A cidade foi percebida como suporte da construção de territórios e modos de vida da população pobre. Parintins cresceu, mas não para todos. Ao mesmo tempo que surgiram bairros urbanizados com terrenos comprados, havia também as pessoas que não tinham condições financeiras para adquiri-los. O espaço da cidade virou mercadoria, em muitos casos tornou-se inacessível para as famílias de baixa renda. Sobre essa questão Henri Lefebvre (2006) aborda em sua obra “O direito à cidade” quando menciona:

A cidade passa a ser gerida e consumida como mercadoria, aprofundando a contradição existente entre o valor de uso que o lugar representa para seus habitantes e o valor de troca com que se apresenta para os interessados em extrair seus benefícios econômicos, e este conflito vai determinando a forma da cidade, que vai crescendo a todo o custo sob a ótica do consumismo e da cultura dos lugares, gerando um fosso entre o crescimento econômico e o desenvolvimento social (LEFEBVRE, 2006).

Esta citação de Henri Lefebvre nos ajuda a pensar os motivos que ocasionaram o crescimento populacional de Parintins nas décadas de 1970 e 1980, quando proprietários de terras começam a lotear terrenos dando origem a novos bairros, como estratégia de valorização da terra. E ao desenvolvimento cultural que a cidade de Parintins passa a ter com a exposição e a divulgação do festival folclórico na década de 1990, tudo isso, após várias crises econômicas no país que refletiram na economia da cidade. Todos esses acontecimentos são vitrines para atrair famílias ribeirinhas vindas das comunidades rurais e, também, para outros municípios vizinhos.

1.1 Histórico da Urbanização da cidade de Parintins nas décadas de 1970 e 1980 e as ocupações das terras na década de 1990

A cidade de Parintins, na primeira parte da década de 1970, se desenvolveu a partir da produção de juta e malva. O município exportava juta prensada, cacau entre outras especiarias para os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Pará e outras localidades (SOUZA, 2013). No período correspondente à segunda metade da década de 1970, o Brasil viveu uma crise inflacionária decorrente da crise internacional do petróleo, o que se refletiu em Parintins, quando ocorre o enfraquecimento da produção de juta e malva (SOUZA, 2013).

Aqui na região do Baixo-Amazonas, intensifica-se a criação de gado bovino e bubalino, com isso resultou na apropriação de grandes pastos por pecuaristas da região. Essa ação resultou na ida inúmeros ribeirinhos para a cidade na tentativa de buscar melhorias que beneficiassem suas condições de vida (SOUZA, 2013).

O crescimento urbano e populacional na cidade de Parintins na década de 1970 foi influenciada pela segunda maior enchente do Rio Amazonas que ocorreu nesse período e, também, por razões econômicas e pela ausência de políticas voltadas para desenvolvimento e manutenção da produção do campo. A partir desse momento, o núcleo urbano de Parintins começa a crescer expressivamente. Isso ocasionou uma pressão populacional, resultado do “êxodo rural” que diz respeito ao contexto político, econômico e social. Causando uma expansão desordenada nos bairros já existentes em Parintins.

Na década 1970, devido a uma grande massa populacional que vem à cidade, surgem novos bairros através de loteamentos como o bairro de Itaguatinga (BARTOLI; CARVALHO 2017). E na região centro-sul, nas terras pertencentes ao Elias Assayag, que deram origem aos bairros de Palmares⁶ e Nossa Senhora de Nazaré (BARTOLI; CARVALHO 2017).

Na década de 1980, o país convivia com grandes contrastes sociais e econômicos. A população sofria com a hiperinflação, direitos humanos negados por uma estrutura de sociedade que maltratava a população mais pobre. Em Parintins o número de desempregados aumentava por conta do fechamento das fábricas de juta. E o número de pessoas vindas do interior só aumentava (Souza, 2013).

A pecuária surge como principal atividade econômica na região, aumentando o rebanho e as pastagens. Um fator que causava um agravante aos pequenos proprietários de terras, pois acabavam vendendo sua propriedade para grandes pecuaristas e partiam para a cidade (SOUZA, 2013). Começaram a aparecer as áreas de ocupação que são o tema dessa

⁶ Área mapeada na pesquisa

pesquisa. Na parte oeste da cidade surgem loteamentos que dão origem ao bairro de São Francisco⁷ denominado assim, como salienta Bartoli e Carvalho (2017), por ser o padroeiro dos pobres. Por concentrar um número maior de pessoas vindas do interior da cidade e de outras regiões.

Na década de 1980, a cidade de Parintins apresentou um crescimento desordenado. O poder público não interveio a favor da população de baixa renda, que lutava por um espaço na cidade. Esses grupos acabaram deslocando-se para áreas do entorno do lago Macurany nas proximidades dos bairros de São Francisco e São Jose Operário. Observa-se um número considerável de palafitas construídas nos limites dos bairros citados acima, que formaram os becos onde residem as famílias. Os becos são denominados Beco Barreto Batista e o Beco Ademir Farias⁸ (BARTOLI; CARVALHO, 2017).

A cidade de Parintins nos anos 1990 teve mais um processo de transformação no seu espaço, com o surgimento de novas ocupações. Desta vez na área no sentido oeste da cidade, um grupo de famílias residentes em outros bairros como Palmares e Santa Clara iniciam a ocupação das terras do proprietário Paulo Corrêa que se chamava “Fazenda Itaúna”⁹.

Menezes (2017) apresenta um dos motivos que impulsionaram essas ocupações por esse grupo, “[...] a ideia de ocupação nasceu a partir da necessidade de um grupo de pessoas residentes no bairro de Palmares, que buscavam uma solução para a situação em que viviam, morando no fundo do quintal de outrem ou pagando aluguéis que já não conseguiam manter”.

Observa-se que mais uma vez a falta de políticas habitacionais e as condições financeiras de famílias oriundas do interior que não possuíam um terreno para construir sua casa própria, viviam à custa de favores na casa de parentes ou pagando aluguéis caros são motivos para a ocupação dos bairros da cidade.

Nesse contexto apresentado, é notório que as áreas do entorno dos lagos e rio pudessem ser um local de fácil acesso e ocupado por famílias que não tinham a mínima condição de comprar de um terreno nas áreas centrais dos novos bairros. A cidade se transforma, ela cresce em expansão, porem de forma não planejada, colocando famílias em lugares precários em condições de inundação pois trata-se de áreas baixas e próximas às encostas dos lagos e rio. A cidade se torna atrativa para as pessoas, ela atrai para uma ilusão de conquista, como se aqui na cidade pudessem melhorar de condição de vida. Mas a realidade é outra, inúmeras famílias vêm

⁷ Área mapeada na pesquisa

⁸ Áreas mapeadas na pesquisa

⁹ Nome que deu origem ao bairro.

para cá, mas não tem onde morar, não tem onde ficar com os seus familiares, porque a maioria era oriunda da zona rural ou cidades vizinhas.

2. HISTÓRIA ORAL E A SUA DINÂMICA

Para alcançar os objetivos dessa pesquisa, recorreremos a metodologia da História Oral, que como ressalta Alberti (2011 p.155) “a História Oral permite o registro de testemunhas e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” ou ainda “buscar uma outra história” como diz Portelli (2010, p.3). Na busca da relação desse passado que não consta nos discursos registrados em documentos oficiais do município, ou, sequer é mencionado por discursos públicos, utilizamos os recursos e técnicas de registro de entrevistas.

A pesquisa em História Oral tende a reforçar o estudo em História Social de homens e mulheres comuns inserindo-os na História Pública da cidade através de suas oralidades e vivências. Segundo Menezes (2017, p.5), a História Oral lida com pessoas que se dispõem a partilhar com a sociedade suas impressões e experiências e contribuir para a construção de uma identidade social porque traz à memória do sujeito entrevistado a oportunidade de exercitar a reconstrução e ressignificação dos acontecimentos vividos individualmente ou socialmente. Por esse motivo existe a necessidade de ouvir os sujeitos históricos:

É preciso saber “ouvir” o que a entrevista tem a dizer tanto no que diz respeito às condições de sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado: o que nos revela sua visão dos acontecimentos e de sua própria história de vida acerca do tema, de sua geração, de seu grupo, das formas possíveis de conceber o mundo etc. (ALBERTI, 2011)

A História Oral permite evidenciar indivíduos ou grupos sociais que não constam na História Pública, mas através de suas narrativas, da exposição de sua memória, podemos reescrever aspectos da História local vista pela ótica de quem luta e faz da sua luta sua própria história. Ferreira (2002, p.327) diz que na recuperação da história dos excluídos, os depoimentos orais podem servir não apenas a objetivos acadêmicos, mas também como instrumento de construção de identidade e de transformação social.

No sentido de democratizar a História, a História Oral tem essa dinâmica de tratamento com os vestígios históricos, pois não se trata de qualquer fonte inanimada como um

jornal, um documento oficial ou uma fotografia, mas são pessoas cheias de memórias e experiências. Portelli (2010) diz que quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Ele completa que essas vozes que ninguém escuta, podem mudar radicalmente a esfera pública com as suas falas. Por essa razão, ressaltamos que trabalhamos com seres humanos: homens e mulheres inseridos na História e muitas vezes não ouvidos.

Então, a coisa mais importante no trabalho com fontes orais, no trabalho de campo, é que não se trata de trabalhar com papeis, ou com coisas, ou com animais, mas de trabalhar com seres humanos, com cidadãos, com nossos iguais. É um trabalho de relação e, como todos os trabalhos de relação, levanta questões políticas e questões éticas. Isso é fundamental (PORTELLI, 2010, p.3).

Nesse sentido, é que a inclusão das narrativas dos sujeitos sociais na História permite percebê-los como parte do viver urbano, que não é só feito de objetividade e neutralidade, mas de subjetividade, sentimento de pertencimento e de recordações.

[...] a subjetividade existe, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitem em alguma medida compreendê-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência, será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais (PORTELLI, 1996)

Os sujeitos históricos dessa pesquisa são cheios de sentimentos que resplandecem nas suas narrativas quando expõem suas memórias, ou seja, isso faz com que narrativa ganhe novos rumos. Portanto esta pesquisa traçou essa linha, de ligar as memórias através das vivências desses moradores com tempo presente, para assim serem inseridos numa nova história do município.

3. UM LUGAR PARA VIVER NA CIDADE: O relato dos sujeitos da pesquisa

Para a realização dessa pesquisa foi necessário mapear as áreas de inundação aqui na cidade de Parintins. Percebemos que existem áreas em que ruas e becos são as primeiras a serem alagadas pela cheia. Então, delimitamos alguns bairros cuja área periodicamente sofrem com os impactos das cheias dos rios e lagos. Nessas áreas, foram feitas visitas em algumas residências, na qual apresentamos a proposta do trabalho, em alguns casos não foi encontrado alguns moradores nessas residências em outros casos não foi possível a realização das entrevistas por causa da timidez e a vergonha de alguns moradores. Mas nem tudo foi negação, alguns moradores se disponibilizaram a realizar as entrevistas, assinaram os termos de compromisso e a permissão para gravar a entrevista em áudio. Assim podemos analisar os motivos pela qual esses moradores tiveram que deixar suas terras de origem para conquistar um terreno na cidade, mesmo que em um lugar precário.

3.1 Os motivos

Parintins cresce e se transforma, seu espaço urbano é dividido em loteamentos que se tornam bairros. Pessoas oriundas das comunidades rurais adjacentes e de outros municípios vieram em busca de melhorias ou por um pedaço de terra na cidade para morar e viver. Esses sujeitos encontram nas áreas irregulares um lugar de pertencimento, ainda que com problemas de saneamento e urbanização, acabam sendo locais de relações sociais e luta por moradia digna, melhorias para todos. Como objetivo da pesquisa é entender os motivos que configuraram a ocupação dessas áreas inundáveis na cidade de Parintins, tecemos essas narrativas dando ênfase nas dificuldades e vantagens vivenciadas por esses sujeitos.

A primeira entrevistada é a dona Rosinete de Souza da Silva¹⁰, 49 anos, residente no Beco Barreto Batista, no Bairro São Jose Operário. Cinco (5) filhos. Ela menciona o motivo que a fez morar na área de inundação:

Bruno: Quais os motivos que a fizeram vir para cá?

Rosilene: O meu motivo maior foi que eu casei né, aí a mãe do meu marido ela morava aqui nesse lugar, não nessa casa, mas nesse lugar aí ela arranhou outra casa né aí ela foi morar ali para outra rua aí ela deu essa casa para o meu marido aí foi como a gente passou morar aqui (então no caso já tinha uma casa, mas não era essa casa) não, não era da mãe dele (Rosinete de Souza, 2020).

¹⁰ Entrevista realizada com a Sra. Rosinete de Souza da Silva, Parintins, janeiro de 2020.

Dona Rosinete oriunda de Juruti, pequena cidade paraense da região do baixo Rio Amazonas, veio para Parintins onde casou-se e foi morar com o marido na casa que foi da mãe dele. Percebemos que os laços de solidariedade familiar se apresentam como motivações que vão determinando os espaços de ocupação de trabalhadores pobres na cidade. Esses laços são estratégicos, pois garantem que além da moradia, há a possibilidade dos parentes se ajudarem mutuamente seja para tomar conta das crianças da família ou até dividir a comida num momento de aperto. Atualmente, dona Rosinete é viúva e mora no endereço há 27 anos. Ela nos diz que o local é abandonado pelo poder público e relata que os políticos só vão lá no período eleitoral, quando então muito prometem, mas esses planos não saem do papel. Ela menciona que o prefeito atual já prometeu tirá-los de lá e fazer uma espécie de PROSAMIM¹¹ em Parintins.

Olha teve uma época que o prefeito [Bi Garcia] ele queria tirar nós daqui né, inclusive ele até um, chamou não sei o nome, ... Pra fazer casas, tipo assim um “PROSAMIM” de Manaus, um residencial e tá parado até hoje que não veio o que ele contratou pra fazer e deu bolo e foi embora e assim tá até hoje e o meu nome estava lá no meio (Rosinete de Souza, 2020).

Situações como essa de políticos que só aparecem no período eleitoral são citadas constantemente pelas fontes orais. A fala coloca em perspectiva as expectativas de dona Rosinete que almeja um reordenamento urbano em Parintins e o jogo político eleitoral que usa as necessidades das pessoas como moeda de troca, mas sem necessariamente satisfazê-las. O programa PROSAMIM foi realizado em Manaus onde famílias que viviam em palafitas em áreas de beiras de igarapés foram deslocadas para morar em condomínios construídos pelo programa no próprio centro da cidade, pois era uma das reclamações das pessoas que moravam nessas localidades que a solução encontrada pelo poder público era sempre de mandá-los para os bairros periféricos que eram longe de seus trabalhos, das escolas dos filhos e das comodidades de se morar próximo ao centro comercial. Percebemos que há várias dimensões na escolha do local para morar nas cidades.

Geralmente as pessoas que saíam da zona rural para a cidade moravam de favor na casa de parentes ou pagavam aluguéis extorsivos. Tinham a esperança de alcançar uma vida melhor com mais oportunidades de emprego e escola para os seus filhos. Dona Raimunda Ramos de Souza¹², 74 anos, residente no Beco Ademir Farias, natural da comunidade rural

¹¹ Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus, criado em 2006.

¹² Seis filhos, viúva.

Cristo Redentor, no rio Andirá nos disse que veio para a cidade porque não tinha terra no interior e nem aqui. Vejamos:

Nós viemos porque ninguém tinha terreno e aqui também nós não temo e nós mora aqui. [...] Nós morávamos na casa de um homem, do seu Savageno não sei se ele já morreu, que era um homem que morava aqui em Parintins. Ele botou nós lá pra tomar de conta do terreno dele lá no interior (Raimunda Ramos, 2020).

Percebemos, através de sua narrativa, que dona Raimunda e sua família eram trabalhadores rurais que viviam em terras alheias, “tomando conta do terreno”, exercendo a função de caseiros, ou seja, esse tipo de trabalhador rural estará sempre sujeito à demissão e, portanto, perda do local em que vivem. Esses sujeitos sociais como a dona Raimunda saem das comunidades rurais para a cidade com o sonho de ter seu lugar, sua casa e acabam encontrando uma realidade desprovida, terrenos com valores acima de suas condições financeiras, pois saem das comunidades rurais sem expectativa de vida e encontram na cidade áreas sem condições básicas que são os becos nas encostas dos lagos. Porém, ainda que seja em condições não desejadas, conseguir uma moradia nas beiras dos lagos em Parintins é uma vitória para aqueles que tem família, filhos e moram de favor em casa de parentes.

3.2 A vivência nas áreas inundáveis sob ótica dos sujeitos da pesquisa

As pessoas buscam um lugar na cidade, ainda que não seja em condições ideais para se morar, mas quando querem independência, ter o seu próprio pedaço de chão, ainda que seja no sentido figurado da palavra, pois eles moram sobre palafitas e suas ruas são tábuas (marombas), eles cuidam e zelam pelo seu espaço. A conquista de um terreno independente das condições já é uma vitória como é o caso da dona Elisângela Marinho Belém¹³, 41 anos e, também, da Dona Lica, como é conhecida na “Ponte¹⁴”, que reside no de Bairro São Francisco, natural de Parintins, casada mãe de seis (6) filhos. Sem casa para morar, mãe e desempregada apenas o marido vive de bicos como carpinteiro, viu a necessidade de arrumar um lugar para construir sua casa. Foi informada por uma vizinha da casa da sua mãe que estavam ocupando a área conhecida como Pantanal, localizada no bairro São Francisco. A localidade recebeu esse nome devido às grandes árvores que por lá existem e por ser alagado. Ela recorda que era um “lixão enorme”, mas o pessoal tratou de ocupar e dividir os terrenos.

¹³ Entrevista realizada com a Sra. Elisangela Marinho Belém, Parintins, março 2020.

¹⁴ Localizada na Rua Nova, São Francisco.

É quando nós viemos pra cá, isso aqui realmente, tudinho essa casa, tudinho isso, era mato, não era ainda rua Nova, era chamado Pantanal, porque era tudo ‘aningal’ né, depois não, aí começaram a morar aqui, invadir aqui, aí começou a fazerem essa rua pra lá, aí depois que vieram morar gente pra cá, assim pra essa banda. Aí fizeram essa ponte, essa ponte aqui não era ela, era uma baixinha mesmo, que toda vez ia fundo ela ia também. Não era dessas tábuas não, era daquelas tábuas que era um pedaço em pedaço que o pessoal arrumava. Agora não, o pessoal foi lá e lutaram tanto que agora nós conseguimos essa aí, essa já é a terceira ponte (Elisângela Marinho, 2020).

A fala de dona Elisângela revela a potência desses sujeitos históricos que lutam por um lugar para viver e que vão tecendo suas condições de moradia com os materiais disponíveis (“tábuas em pedaço em pedaço”) mesmo sem ajuda do poder público. A narrativa deixa claro as demandas que formulavam e a luta que tiveram que travar para que a prefeitura construísse uma ponte com um material adequado e que não alagasse durante as enchentes, assim garantiram sua mobilidade no período das cheias e o acesso à cidade. Na foto 1, registrada na pesquisa de campo, vemos o local que apresenta densa vegetação e poças de lama, resultado da enchente de 2019.



*Figura 1: Área conhecida pelos moradores da Rua Nova; São Francisco, como Pantanal.
Fonte: Autor da Pesquisa de Campo realizada em março de 2020.*

Dona Elisângela vive há 4 anos nessa área que eles chamam de Ponte. Ela recorda como é complicado quando a água sobe, mas ela não desanima, resiste. Nota-se que a luta em se manter nessa área vai muito além da escassez de políticas públicas para aquele lugar.

A enchente já ficou rés essa minha porta. Eu pensava que iria pro fundo nesse dia, ficou bem pertinho mesmo. Ainda não tinha essa passarela aqui né, só tinha uma ponte, aqui não tinha nada. Ainda não era assim dividido era só um salão mesmo, a gente ficava lá pra trás, pra cá ainda não tinha cozinha, não tinha esse pedaço da cozinha, era só um salão. Chegou bem perto mesmo da porta. Eu disse: "ah nós vamos pro fundo. **A gente pode até ir pro fundo, mas sair daqui eu não saiu**". Eu fiquei aqui. (Elisângela Marinho, 2020)

Assim como os moradores da rua Nova, como nos becos onde periodicamente sofrem o efeito da enchente, os moradores improvisam pontes, marombas e lamentam a demora que o poder público e a defesa civil têm com a construção e manutenção das pontes que dão acesso das moradias ao restante da cidade. Trata-se do bairro São Francisco que é vizinho do bairro São Jose Operário onde concentra-se uma estrutura urbana como hospital, supermercados e escolas públicas, onde atendem os moradores dessa área.

A construção e manutenção das pontes que dão acesso às residências também constitui-se como uma das dificuldades vivenciadas pelos moradores da Rua Itacoatiara no Bairro de Palmares, segundo o relato da Dona Dinelsa Andrade Cabral¹⁵, 50 anos, residente desde 2001 no endereço, são a construção e manutenção das pontes que dão acesso às residências no local. Segundo ela, a prefeitura demora a fazer as pontes e quando faz, não completa. Fica para os moradores a missão de completar a ponte. Isso é recorrente segundo ela.

Mas foi sempre assim essas casas de madeira, de ponte, sempre nós moradores fazemos as pontes aqui, agora essa área bem aqui, essa ponte aqui, sem ser essa nova pra lá foi a prefeitura que mandou fazer ano passado na enchente, mas foi um bate-boca, um fofi... ficou muito chato assim, porque os moradores não queriam, porque eles... eram pra fazer assim só uma ponte grande, né? Aí cada um puxava para sua frente, da sua casa, mas não aconteceu assim. A prefeitura veio mandar fazer, o Matheus Assayag¹⁶ veio aqui e disse "que ia mandar ajeitar a ponte de cada um, assim com a madeira da prefeitura", mas nunca aconteceu, aconteceu só no ano passado, só essa parte aqui, essa ponte que vai pra lá, essa pra cá é tudo trabalho nosso, aqui da vizinha, da outra vizinha, do vizinho lá, dá outra moça lá, dessa senhora aqui, deles aqui (Dinelsa Andrade, 2020)

¹⁵ Entrevista realizada com a Sra. Dinelsa Andrade Cabral, Parintins, março 2020.

¹⁶ Secretário de Obras na época da entrevista.

Mais uma vez vemos, com a fala da dona Dinelsa, que os próprios moradores vão com seus esforços conseguindo driblar as dificuldades e mostram como entram em conflito com a prefeitura que não apenas demora em se fazer presente nesses locais, que são mais vulneráveis e que precisavam de prioridade nas políticas públicas de urbanização. Essas áreas são mapeadas por órgãos municipais, mas se nota que a manutenção das pontes é realizada pelos próprios moradores, pois é alegado que a defesa civil e prefeitura só fazem vistoria no período da cheia dos rios, quando as pontes e as residências ficam submersas. A imagem a seguir mostra como é a ponte que os próprios moradores fizeram para garantir o direito de mobilidade urbana da rua Itacoatiara no Palmares, que para eles são as suas ruas:



*Figura 2: Ponte na Rua Itacoatiara, Bairro de Palmares.
Fonte: Autor da Pesquisa de Campo realizada em 2020.*

Um outro ponto bem citado pelos moradores são os bichos peçonhentos e os animais que durante a cheia aparecem e causam transtorno e medo. Segundo dona Raimunda, quando vem a enchente, ela tem medo de sair de casa por causa desses animais. Eles aparecem junto com as águas. Isso é mais uma das dificuldades que esses moradores enfrentam para se manter em suas residências.

Nossa dificuldade daqui é só mesmo o negócio da ponte, pra sair daqui de casa pra ir pra rua e só. Às vezes a gente compra as coisas grande pra deixar em casa, rancho, comida tudo, a gente sabe que não pode tá andando o todo pra lá por que tem água. Eu não vou andar n'agua eu tenho medo de cobra, tinha cobra sucurijú, tinha jacaré, tinha tudo por aqui, não tem mais porque não tem água [essa entrevista foi realizada no período da seca], nós já matemos diversos sucurijús aqui, é uma dificuldade, tem jacaré aí pra trás, tem até as vezes tracajá que desova aí, já acharam aí. (Raimunda Ramos, 2020)

Durante as entrevistas notei que as pessoas se sentiam felizes, gratas em dizer que eles gostavam de morar onde vivem. Mesmo sabendo de todas as problemáticas que rondam. É nesses momentos que a subjetividade se manifesta tão claramente, isso vai deixando o momento da entrevista mais leve, solto, mais à vontade para ouvir quem vai falar. Ainda que os problemas assolem essas áreas, esses cidadãos só querem um lugar digno para constituir suas moradas. Os problemas são muitos desde a falta de políticas públicas para essas áreas como, água poluída e animais peçonhentos. Porém, esses moradores criaram sua identidade nessas áreas por tanto tempo de convivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que os motivos expostos nas entrevistas para as pessoas morarem em áreas que inundam em Parintins são muitos como a falta de uma política habitacional na cidade, o desemprego, o preço extorsivo dos aluguéis. Há também uma rede de solidariedade, pois os entrevistados narraram que já tinham parentes nos locais antes de decidirem ir para os bicos. As narrativas orais expõem suas vivências e trajetórias nesta cidade, a luta por um espaço e por um direito que lhe é negado pelas autoridades públicas. Essas narrativas precisam ser evidenciadas, fazer parte da nossa História Pública, do nosso conhecimento para que possamos pensar alternativas de moradia digna na cidade de Parintins. Não podemos naturalizar e deixar passar despercebido.

A partir da análise percebemos em suas trajetórias que os motivos que os levaram a ocupar essas áreas estão ligados a necessidade por “um lugar para chamar de seu”, por uma moradia própria, fazer parte da cidade, estarem inseridos na história de construção dessa cidade. Percebemos que nossos objetivos foram alcançados, porém necessitamos que essa pesquisa

ganhe mais proporção, pois trata-se de uma problemática recorrente nesta cidade e que existem outras áreas e outros sujeitos a serem inseridos na história através de suas narrativas e memórias.

A História Oral nos possibilitou essa troca de experiências, foi um aprendizado. A confiança criada entre pesquisador e entrevistado possibilitou a realização destas entrevistas, que se tornam fontes orais para futuros trabalhos. Essa experiência possibilitou uma troca de saberes, pois não estive ali para ensinar, mas para ouvir, para “tentar aprender um pouquinho” como ressalta Alessandro Portelli (2010, p.5) “trata-se de uma experiência de aprendizagem para nós, para o historiador, e é uma experiência em que a relação entre quem ensina e quem aprende se inverte, se troca”

Fontes Oraís

BELÉM, Elisângela Marinho. Dona de casa. Entrevista concedida ao acadêmico Bruno Augusto Rodrigues Belchior no dia 07 de março de 2020, durante a pesquisa de campo no bairro São Francisco no município de Parintins.

CABRAL, Dinelsa Andrade. Funcionária Pública. Entrevista concedida ao acadêmico Bruno Augusto Rodrigues Belchior no dia 07 de março de 2020, durante a pesquisa de campo no bairro de Palmares no município de Parintins.

SILVA, Rosinete de Souza. Domestica. Entrevista concedida ao acadêmico Bruno Augusto Rodrigues Belchior no dia 21 de janeiro de 2020, durante a pesquisa de campo no bairro São José operário no município de Parintins.

SOUZA, Raimunda Ramos de. Aposentada. Entrevista concedida ao acadêmico Bruno Augusto Rodrigues Belchior no dia 22 de janeiro de 2020, durante a pesquisa de campo no bairro São José operário no município de Parintins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 155-202.

CARVALHO, Rodrigo dos Anjos; BARTOLI, Estevan. **A Expansão urbana de Parintins: produção do espaço, agentes e processos socioespaciais**. Monografia de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP, 2017.

FERREIRA, M.M. História, tempo presente e história oral. Topoi, Rio de Janeiro. pp. 314-332, dezembro de 2002.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2006.

MENEZES, Lucineli de Souza. **Ocupações, conflitos e conquistas**: a luta pelo direito à terra pela moradia e a formação do Bairro Itaúna I/Parintins – Amazonas. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas/ UFAM. 2017.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. *Mnemosine*. Vol. 6, nº 2, 2010.

_____. A Filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996.

SHOR, Tatiana; MARINHO, Thiago Pimentel. **Ciclos econômicos e periodizações da rede urbana no Amazonas – Brasil**: as cidades Parintins e Itacoatiara de 1655 a 2010. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 56, p. 229-258, jun-2013.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM)**: evolução e transformação. Tese (Geografia Humana). Universidade de São Paulo (USP). 2013.